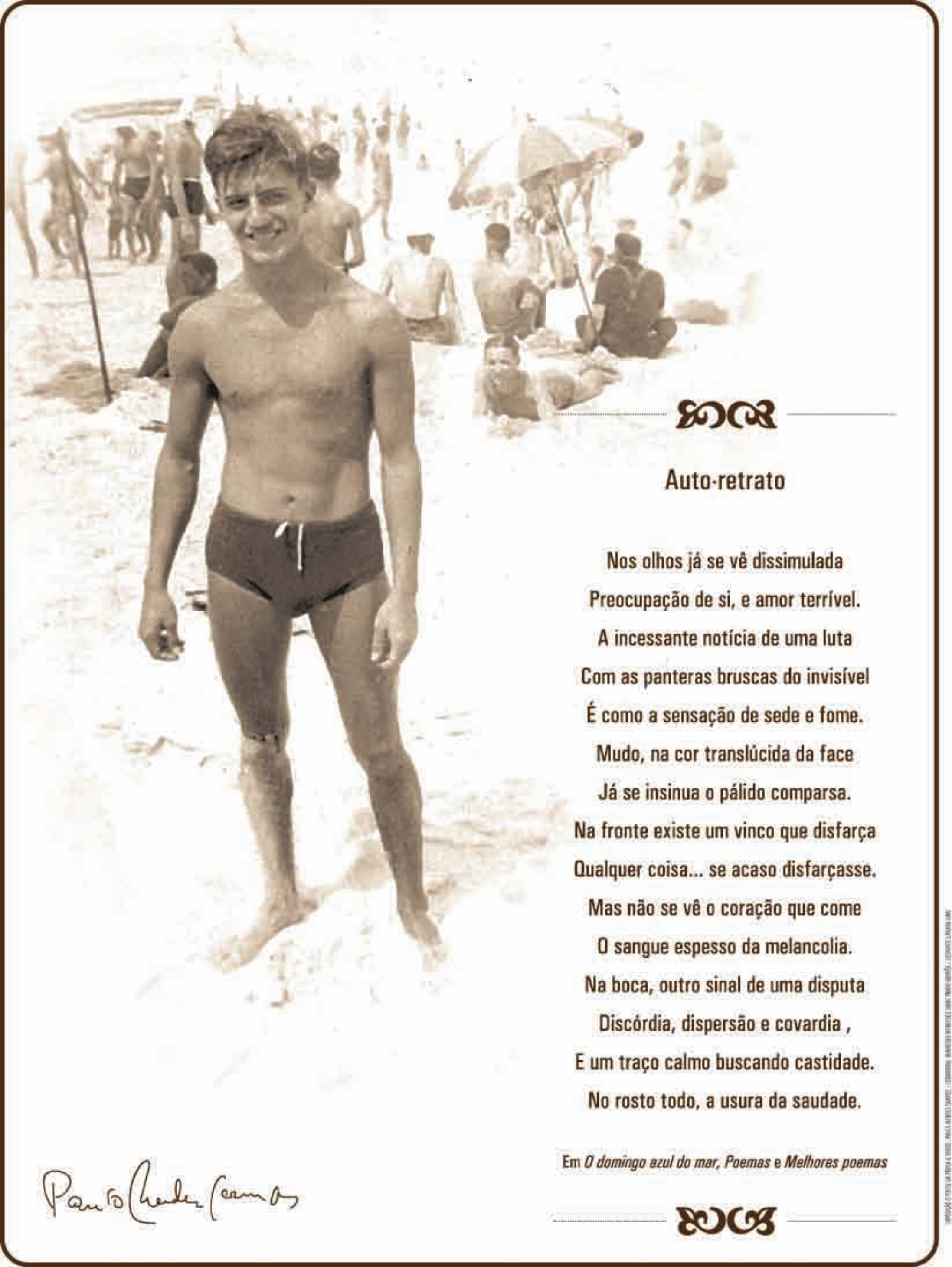


O poeta em prosa & verso

Paulo Mendes Campos

Paulo Mendes Campos

Ele foi o menos notório, o menos festejado dos "Cavaleiros de um Íntimo Apocalipse" o legendário quarteto formado também pelos escritores mineiros Fernando Sabino, Hélio Pellegrino e Otto Lara Resende, e assim rotulado por este último em louvor da exemplar, vitalícia amizade que os uniu da adolescência ao fim da vida. Mas Paulo Mendes Campos, nascido em Belo Horizonte em 1922 e falecido no Rio de Janeiro em 1991 aos 69 anos de idade, foi ainda, na avaliação de tantos que mais de perto conheceram o grupo, se não o mais dotado, o mais preparado dos quatro para a literatura. Consumido, porém, pela necessidade de ganhar a vida, de certa forma Paulo Mendes Campos pulverizou seu talento e suas energias na moenda de atividades de que se saiu bem, mas que nunca o apaixonaram, como o serviço público, o jornalismo e a redação de roteiros para documentários de cinema. Por isso, o grande artista que ele foi acabou deixando uma obra poética fisicamente modesta, embora de alta qualidade. Mais copiosa ficaria sendo a sua produção no terreno da crônica, gênero de que foi um dos expoentes em seu tempo, ao lado de Rubem Braga, Fernando Sabino e poucos mais. Na prosa como na poesia, Paulo Mendes Campos foi sobretudo poeta, calçado na erudição de quem tudo leu e soube assimilar, vincado por uma inteligência de primeira ordem, por uma sensibilidade depurada e por um saudável, jamais paralisante ceticismo diante da vida. E, também, por um senso de humor de fina extração — faceta de seu talento que, ao lado das demais, não poderia estar ausente desta mostra em que se busca aproximar do leitor um dos melhores escritores brasileiros do século XX.



Auto-retrato

Nos olhos já se vê dissimulada
Preocupação de si, e amor terrível.
A incessante notícia de uma luta
Com as panteras bruscas do invisível
É como a sensação de sede e fome.
Mudo, na cor translúcida da face
Já se insinua o pálido comparsa.
Na fronte existe um vinco que disfarça
Qualquer coisa... se acaso disfarçasse.
Mas não se vê o coração que come
O sangue espesso da melancolia.
Na boca, outro sinal de uma disputa
Discórdia, dispersão e covardia,
E um traço calmo buscando castidade.
No rosto todo, a usura da saudade.

Paulo Mendes Campos

Em *O domingo azul do mar*, Poemas e Melhores poemas





Fernando Sabino, Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos, em 1986.



"Nasci na rua dos Otoni, em Belo Horizonte, em 1922. Quando tinha dois anos de idade, meus pais foram para o interior de Minas. Antes disso, Guimarães Rosa, estudante e nosso vizinho, costumava carregar-me para a república dele, onde esperava que eu fizesse gracinhas. Foi ele quem me revelou a história, 25 anos depois.

"Abri os olhos e os outros sentidos para a vida na cidadezinha de Saúde. Vi então o automóvel, vi o cavalo, vi um caçador de perna de pau, vi a morte dentro de casa, rasguei as pernas no arame farpado, tomei sorvete pela primeira vez. Saúde, que hoje se chama Dom Silvério, é para mim um álbum de estampas.

"Aos seis anos, estava de volta a Belo Horizonte. Ingressei na escola primária no ano seguinte. Fiz o ginásio em três colégios, três cidades. Terminei o curso em São João del Rei, onde conheci, aluno de outro ginásio, o Otto. Pouco depois, outra vez em Belo Horizonte, ingressei, com incomparável orgulho, no grupo literário adolescente de que o Otto fazia parte, com o Etienne, o Hélio, o Fernando. Foi para mim um deslumbramento. Já escrevia as minhas coisas aliás, desde o primeiro ano ginásial, e comecei a publicar artigos em jornal. Na carreira literária, a glória está no começo; o resto da vida é aprendizado intensivo para o anonimato, para o olvido.

"Em 1945, larguei os meus empreguinhas, tomei o trem e vim de mãos abanando para o Rio, onde já estava o Fernando. O Otto e o Hélio vieram depois. Vim mais para conhecer o poeta chileno Pablo Neruda, mas aqui estou até hoje. Viajei um pouco para o estrangeiro, entrei para o jornalismo, publiquei meu primeiro livro no dia do meu casamento. E tenho feito de tudo na máquina de escrever: publicidade, roteiros e textos de cinema documentário, traduções, reportagens, entrevistas, crônicas e até alguma poesia. Mas tenho um sonho sólido: morar definitivamente na serra de Petrópolis, entre as minhas árvores, visitar a Europa mais uma vez e passear com frequência nas velhas cidades de Minas."

Paulo Mendes Campos

No LP duplo Os 4 Mineiros, gravado com Fernando Sabino, Hélio Pellegrino e Otto Lara Resende, no Rio de Janeiro, em maio de 1980, para o selo Som Livre.





Meninas no parque - Anônimo



Ser brotinho

Ser brotinho não é viver em um píncaro azulado: é muito mais! Ser brotinho é sorrir bastante dos homens e rir interminavelmente das mulheres, rir como se o ridículo, visível ou invisível, provocasse uma tosse de riso irresistível.

Ser brotinho é não usar pintura alguma, às vezes, e ficar de cara lambida, os cabelos desarrumados como se ventasse forte, o corpo todo apagado dentro de um vestido tão de propósito sem graça, mas lançando fogo pelos olhos. Ser brotinho é lançar fogo pelos olhos.

É viver a tarde inteira, em uma atitude esquemática, a contemplar o teto, só para poder contar depois que ficou a tarde inteira olhando para cima, sem pensar em nada. É passar um dia todo descalça no apartamento da amiga comendo comida de lata e cortar o dedo. Ser brotinho é ainda possuir vitrola própria e perambular pelas ruas do bairro com um ar sonso-vagaroso, abraçada a uma porção de elepês coloridos. É dizer a palavra feia precisamente no instante em que essa palavra se faz imprescindível e tão inteligente e natural. É também falar legal e bárbaro com um timbre tão por cima das vãs agitações humanas, uma inflexão tão certa de que tudo neste mundo passa depressa e não tem a menor importância.

Ser brotinho é poder usar óculos como se fosse enfeite, como um adjetivo para o rosto e para o espírito. É esvaziar o sentido das coisas que transbordam de sentido, mas é também dar sentido de repente ao vácuo absoluto. É aguardar com paciência e frieza o momento exato de vingar-se da má amiga. É ter a bolsa cheia de pedacinhos de papel, recados que os anacolutos tornam misteriosos, anotações criptográficas sobre o tributo da natureza feminina, uma cédula de dois cruzeiros com uma sentença hermética escrita a batom,





toda uma biografia esparsa que pode ser atirada de súbito ao vento que passa. Ser brotinho é a inclinação do momento.

É telefonar muito, estendida no chão. É querer ser rapaz de vez em quando só para vaguear sozinha de madrugada pelas ruas da cidade.

Achar muito bonito um homem muito feio; achar tão simpática uma senhora tão antipática. É fumar quase um maço de cigarros na sacada do apartamento, pensando coisas brancas, pretas, vermelhas, amarelas.

Ser brotinho é comparar o amigo do pai a um pincel de barba, e a gente vai ver está certo: o amigo do pai parece um pincel de barba. É sentir uma vontade doida de tomar banho de mar de noite e sem roupa, completamente. É ficar eufórica à vista de uma cascata. Falar inglês sem saber verbos irregulares. É ter comprado na feira um vestidinho gozado e bacanérismo.

É ainda ser brotinho chegar em casa ensopada de chuva, úmida camélia, e dizer para a mãe que veio andando devagar para molhar-se mais. É ter saído um dia com uma rosa vermelha na mão, e todo mundo pensou com piedade que ela era uma louca varrida. É ir sempre ao cinema mas com um jeito de quem não espera mais nada desta vida. É ter uma vez bebido dois gins, quatro uísques, cinco taças de champanha e uma de cinzano sem sentir nada, mas ter outra vez bebido só um cálice de vinho do Porto e ter dado um vexame modelo grande. É o dom de falar sobre futebol e política como se o presente fosse passado, e vice-versa.

Ser brotinho é atravessar de ponta a ponta o salão da festa com uma indiferença mortal pelas mulheres presentes e ausentes. Ter estudado ballet e desistido, apesar de tantos telefonemas de Madame Saint-Quentin. Ter trazido para casa um gatinho magro que miava de fome e ter aberto uma lata de salmão para o coitado. Mas o bichinho comeu o salmão e morreu. É ficar pasmada no escuro da varanda sem contar para ninguém a miserável traição. Amanhecer chorando, anoitecer dançando. É manter o ritmo na melodia dissonante. Usar o mais caro perfume de blusa grossa e blue-jeans. Ter horror de gente morta, ladrão dentro de casa, fantasmas e baratas. Ter compaixão de um só mendigo entre todos os outros mendigos da Terra. Permanecer apaixonada a eternidade de um mês por um violinista estrangeiro de quinta ordem. Eventualmente, ser brotinho é como se não fosse, sentindo-se quase a cair do galho, de tão amadurecida em todo o seu ser. É fazer marcação cerrada sobre a presunção incomensurável dos homens. Tomar uma pose, ora de soneto moderno, ora de minueto, sem que se dissipe a unidade essencial. É policiar parentes, amigos, mestres e mestras com um ar songamonga de quem nada vê, nada ouve, nada fala.

Ser brotinho é adorar. Adorar o impossível. Ser brotinho é detestar. Detestar o possível. É acordar ao meio-dia com uma cara horrível, comer somente e lentamente uma fruta meio verde, e ficar de pijama telefonando até a hora do jantar, e não jantar, e ir devorar um sanduíche americano na esquina, tão estranha é a vida sobre a Terra.

Em O cego de Ipanema e O amor acaba

Paulo Mendes Campos





Daniel e Gabriela, as filhas de Paulo Mendes Campos



Infância

Há muito, arquiteturas corrompidas,
Frustrados amarelos e o carmim
De altas flores à noite se inclinaram
Sobre o peixe cego de um jardim.
Velavam o luar da madrugada
Os panos do varal dependurados;
Usávamos mordanças de metal
Mas os lábios se abriam se beijados.
Coados em noturna claridade,
Na copa, os utensílios de cozinha
Falavam duas vidas diferentes,
Separando da vossa a vida minha.
Meu pai tinha um cavalo e um chicote;
No quintal dava pedra e tangerina;
A noite devolvia o caçador
Com a perna de pau, a carabina.
Doou-me a pedra um dia o seu suplício.
A carapaça dos besouros era dura
Como a vida contradição poética
Quando os assassinava por ternura.
Um homem é, primeiro, o pranto, o sal,
O mal, o fel, o sol, o mar o homem.
Só depois surge a sua infância-texto,
Explicação das aves que o comem.
Só depois antes aparece ao homem.
A morte é antes, feroz lembrança
Do que aconteceu, e nada mais
Aconteceu; o resto é esperança.
O que comigo se passou e passa
É pena que ninguém nunca o explique:
Caminhos de mim para mim, silvados,
Sarçais em que se perde o verde Henrique.
Há comigo, sem dúvida, a aurora,
Alba sangüínea, menstruada aurora,
Marchetada de musgo umedecido,
Fauna e flora, flor e hora, passiflora,
Espaço afeito a meu cansaço, fonte,
Fonte consoladora dos aflitos,
Rainha do céu, torre de marfim,
Vinho dos bêbados, altar do mito.
Certeza alguma tive muitos anos,
Nem mesmo a de ser sonho de uma cova,
Senão de que das trevas correria

O sangue fresco de uma aurora nova.
Reparte-nos o sol em fantasias
Mas à noite é a alma arrebatada.
A madrugada une corpo e alma
Como o amante unido à sua amada.
O melhor texto li naquele tempo,
Nas paredes, nas pedras, nas pastagens,
No azul do azul lavado pela chuva,
No grito das grutas, na luz do aquário,
No claro-azul desenho das ramagens,
Nas hortaliças do quintal molhado
(Onde também floria a rosa brava)
No topázio do gato, no be-bop
Do pato, na romã banal, na trava
Do caju, no batuque do gambá,
No sol-com-chuva, quando já a manhã
Ia lavar a boca no riacho.
Tudo é ritmo na infância, tudo é riso,
Quando pode ser onde, onde é quando.
A besta era serena e atendia
Pelo suave nome de Suzana.
Em nossa mão à tarde ela comia
O sal e a palha da ternura humana.
O cavalo Joaquim era vermelho
Com duas rosas brancas no abdômen;
À noite o vi comer um girassol;
Era um cavalo estranho feito um homem.
Tínhamos pombas que traziam tardes
Meigas quando voltavam aos pombais;
Voaram para a morte as pombas frágeis
E as tardes não voltaram nunca mais.
Sorria à toa quando o horizonte
Estrangulava o grito do socó
Que procurava a fêmea na campina.
Que vida a minha vida! E ria só.
Que âncora poderosa carregamos
Em nossa noite cega atribulada!
Que força de destino tem a carne
Feita de estrelas turvas e de nada!
Sou restos de um menino que passou.
Sou rastos erradios num caminho
Que não segue nem volta, que circunda
A escuridão como os braços de um moinho.

Em *O domingo azul do mar*, *Poemas e Melhores poemas*



Meditações imaginárias

A meu avô Cesário devo este horror pelos cães, o pescoço musculoso, a implicância com os países nublados, o riso acima de minhas poses, o pressentimento de uma velhice turbulenta.

A João Antônio, uma ironia tamisada de ternura, e a idéia cinematográfica de uma tarde em torno de um homem a cavalo por um caminho poeirento de outrora.

A meu avô português, os desregramentos da sensibilidade, lágrimas grotescas de homem, e a repentina desgraça que me visitou altas horas da madrugada em um aeroporto estrangeiro.

A dona Augusta, as primeiras letras sem dor.

A meu tio Ezequiel, ter demonstrado a possibilidade de um suicídio oportuno.

A minha mãe, o manejo do revólver, o gosto do claustro, o recolhimento na hora do crepúsculo, o entendimento da passarela entre o efêmero e o símbolo.

A Marcus Aurelius Antoninus devo a maneira e a figura dessas meditações, e a idéia elementar de que os homens são feitos de cooperação como as arcadas dentárias.

A Herodes (WHA) devo a necessidade dramática de justificar-me e o desprezo pelas superstições.

A meu pai, os artelhos nodosos, os teoremas abstratos do espírito, timidez diante do dinheiro, hábito de verduras e leite, o sentimento (incomodamente impreciso) de uma flauta que se esvai nunca sei onde.

Ao professor Roberval, a paciência de ensinar-me frações, quando as matemáticas me pareciam intransponíveis.

Ao professor Amarante, desmoralização da oratória, cautela com os advérbios de modo, comedimento das virtudes, técnica de abrir garrafas de vinho.

A antepassados obscuros, devo a obscuridade, mensagem esvaída, mogno mudo, língua presa na boca.

A minha ama preta Hermengarda, devo a certeza (extraordinário alívio) de que somos todos iguais e a humanidade se modela.

A um escritor inglês de segunda ordem, a idéia de que a poesia é um problema de modulação.

A meu inimigo de Figueira do Rio Doce, a circunspeção diante da morte.

Devo aos poetas de todos os tempos a sobrevivência de minha alma: aos franceses, a ordenação das mais altas hierarquias semânticas; aos espanhóis, a guitarra tocando em duas cordas o diálogo entre o erudito e o popular, inextricáveis; a portugueses e brasileiros, o sabor; aos alemães, o ter-me tornado quem sou; aos melhores britânicos, as muitas flores que desabrocham nas trevas, despercebidas.

A Baudelaire, em cujo túmulo depositei uma rosa, a fulgurância do raciocínio, a elegância corrosiva de seu sentimento trágico; a Shakespeare, a iniciação a todas as formas humanas; a Joyce, integridade, consonância, claritas.

A minha avó Gertrudes, um remédio infalível contra soluços.

A Mallarmé, o axioma cruel e radioso da frustração artística.

Ao doutor Relling, o entendimento precoce da mentira vital.

A Pablo Picasso, a reacomodação do nervo óptico.

A minha tia Virgínia, extinta por sua própria vontade, o interesse pelas formas dos seixos, galhos ressequidos, carapaças de crustáceos e outros objetos sólidos, sem contar a noção da unanimidade que a todos envolve, passageiros que somos.

A madame Sophroniska, meu interesse pelo câncer que devora a constelação de crianças.

A João Bicança, ter dito que o acrobata não cai jamais no picadeiro.

A Constanze, ela mesma, seus olhos, a alegria de ter investigado, através dessa criatura sem qualquer languidez, até que ponto o senso mais urbano da ordem pode coexistir com um espírito essencialmente demoníaco.

Aos mestres russos, tudo o que aprendi e vale a pena; a Stendhal, o sentimento de minhas carências; a André Gide, un chemin bordé d'aristoloches.

A minha avó Margarida, a maneira leve de pisar e fechar portas.

A Minas Gerais, a minha sede. O jeito oblíquo e contraditório. Os movimentos de bondade (todos), o hábito de andanças pela noite escura (da alma, naturalmente), a procrastinação interminável, como um negócio de cavalos à porta de uma venda.

Em O cego de Ipanema e Cisne do teliro





(...) E tu, Paulo, dor de minha ternura, ternura desta mágoa
Tu pequeno, ardendo entre ciprestes de uma cidade desconhecida,
Tu que carregas os nossos destinos e por isso repousas,
E por isso te deitas na relva, fixando o sol do fogo
Que oscila sobre a tua amorável cabeça.
És triste, Paulo, e por isso te compreendo
Apenas nas horas graves em que a madrugada fertiliza as encostas.
És profundo e grave, e por isso o teu gesto às vezes dói
Como quem se despede e vai para longe.
És generoso, mas tímido, tens medo
E por isso há em ti a contextura dos heróis,
Dos que se arriscam, dos que não temem, dos que se precipitam
E dos que se perdem.
Ainda embarcarás. Ouço já teu grito comandando a largada e fico triste.
Violarás portos sem nome e te renderás escravo.
Depois, a vitória. Pois a vitória está contigo.
No teu gesto de desmedida loucura,
Na tua roupa de marinheiro, na tua vocação de esquecimento,
Na tua voz que despreza para amar numa ardência secreta,
No teu jeito de olhar, esquivo movimento de quem se furta ao efêmero,
Para se entregar após, fecundo e grande, ao tempo sem tempo ou território.

Hélio Pellegrino, Carta-poema (1945)



Paulo Mendes Campos

O pombo enigmático

Na inelutável necessidade do amor (era quase primavera) pombo e pomba marcaram um encontro galante quando revoavam no azul do Rio de Janeiro. Era bem de manhãzinha.

— Às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral — disse o pombo.

— Candelária? — perguntou a noiva.

— Do lado norte — respondeu ele.

— Tá — assentiu com alegria e pudor a pomba.

Pois, às quatro azul em ponto, a pomba pontualíssima pousava pensativamente no beiral. O pombo? O pombo não.

A pombinha, que era branca sem exagero, arrulhava, humilhada e ofendida com o atraso, contemplando acima do campanário todas as possibilidades da rosa-dos-ventos. Mas na paisagem do céu voavam só velozes andorinhas garotas, porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas, pensando na morte, como gente fina, nos dias solenes de missa de réquiem.

Quatro e dez. Quatro e um quarto. Uma pomba sozinha, à mercê quem sabe de um gavião, lendário mas possível. Sol e sombra. Como custa a passar um quarto de hora para uma noiva que espera o noivo no mais alto beiral. Como a brisa é triste. Como se humilha em revolta a pomba branca.

Ah, arrulhou de repente a pomba, quando distinguiu, indignada, o pombo que chegava caminhando pelo beiral mais alto, do outro lado, lá onde, um pouco além, gritavam esganadas as gaivotas do mar pardo do mercado. Irônica, perguntou a pomba:

— Perdeste a noção do templo?

— Perdão, por Deus, perdão — respondeu o pombo: Tardo mas ardo. Olha que tarde!...

— Que tarde? — perguntou a pomba.

— Que tarde! Que azul! Que tarde azul!

— Mas e eu?! — disse a pomba. — Sozinha aqui em cima!

— A tarde era tão bonita — disse o pombo gravemente — a tarde era tão bonita, que era um crime voar, vir voando.

— Mas eu?! Eu!? — queixava-se a pomba.

— A tarde era tão bonita — explicou o pombo com doce paciência — que eu vim andando, que eu tinha de vir andando, meu amor.

Em Quadrante I



Pombo (cheia de amor)



MG, anos 1940. Paulo Mendes Campos é o atleta do extremo para a direita



Ziguezagueava de chuteiras no campo de topázio,
a seriema do crepúsculo em grito
indireto, macegas revelando serpentes frágeis,
Caminhava com as mangas do uniforme encolhidas,
o coração priápico, a alma pelo avesso,
imaginando encontrar um braço estendido, um ninho,
olhos femininos de pássaro, onde ele (só ele)
indefinidamente se esfregasse à vida.

Em Testamento do Brasil, Poemas e Melhores Poemas

Paulo Mendes Campos





Bar do Ponto (BH, 1907)



“Um bolinho de feijão é uma coisa que você come muito na infância, e mais ainda na adolescência, quando descobre a cerveja, e depois fica a procurar, em vão, por todos os cantos do mundo. Um bolinho de feijão às vezes é a *joie de vivre*, para mim é o *temps retrouvé*, e era o que a Gioconda queria quando sorriu. Um bolinho de feijão é quase o que os germanos chamam de *Gesamtkunstwerk*, ou seja, uma perfeita e orgânica obra de arte.”

Em Os bares morrem numa quarta-feira

Paulo Mendes Campos





Jacinto

Chamava-se Jacinto, era franzino e manso. Vivia de biscates e do seu talento humorístico, trabalhando com intermitência: encerava uma casa aqui, rachava lenha ali, improvisava uma graça qualquer, e ia vivendo e ganhando o pão de cada dia e a cachaça de cada noite.

Se alguém se referia aos molambos de sua roupa, fechava na resposta toda a sua ciência da vida: "Nasci nu, tou vestido; no dia em que ficar nu, tou no capital."

O homem é um animal filósofo. A dele era uma filosofia estóica e temperada de humor; ria-se da própria desgraça, como diz a letra popular.

Nunca ouvimos de Jacinto uma palavra áspera, uma lamúria, nunca respondeu com irritação às crianças que o insultavam, impiedosas, quando passava embriagado. Bêbedo, sorria beatífico e acima de todas as misérias, e falava coisas alegres, às vezes numa língua particular, ininteligível.

Numa das noites frias de Belo Horizonte, Jacinto trocava as pernas, caminhava sem destino, como a folha morta do poeta. Um vento mau o levava. No encontro das avenidas do Contorno e Cristóvão Colombo, os bondes rangem na curva, de madrugada, quando estão apressados. O motorneiro não viu Jacinto; Jacinto não viu o bonde; o anjo dos bêbedos dormia, e não tomou conhecimento do episódio cruel que se armava. Jacinto caiu em cheio perto dos trilhos, braços abertos em cruz, as rodas deceparam-lhe a mão direita.

Pessoas correram do botequim próximo e ajudaram o infeliz a erguer-se do chão. Os olhos de Jacinto ficaram brilhantes, úmidos, mas a lágrima não se formou. No mistério indecifrável da tragédia que acabava de acontecer, Jacinto tomou uma atitude surpreendente e intolérável, andando em roda, procurando no asfalto escuro sua mão amputada, implorando aos céus o eterno milagre: "Cadê minha mão, cadê minha mãozinha, minha mãozinha?!"

Mas o céu permaneceu estrelado e duro como um céu pintado.

Em Quadrante 1



Abrijo de bondes na futura praça de Savassi

Paulo Mendes Campos

Um Domingo

Diante da Lagoa Rodrigo de Freitas, eu nada tinha a fazer, nem a pensar, nem a sofrer. Era domingo. Reconhecia as coisas. A cor da água, que parece olho baço, a cor da relva. A cor do eucalipto, a cor do firmamento, que era uma cor de líquido azul. Estava sentado com os olhos abertos, num banco de pedra. Se um pardal esvoaçava, virava o rosto para vê-lo e amá-lo melhor. Acompanhava a marcha comercial das formigas. Sorria às crianças que passavam com amas pretas vestidas de branco. Um peixe resvalou à flor da água: do céu baixou um raio de sol e feriu o dorso do animal; o reflexo veio em linha reta até meus olhos, e inventei, então, a teoria dos triângulos: há triângulos radiosos em todos os espaços. Sol, peixe, homem. Pois nunca ninguém está só diante duma coisa, existindo sempre a testemunha que, participando de nosso oaristo, completa o nosso diálogo. Tudo no mundo é trindade.

É bom que um homem, vez por outra, deixe o litoral misterioso e grande, querendo contemplar uma lagoa. O mar, este é terrível e resiste à nossa sede com seu sal profundo. Sim, são belas as palavras do mar: hipocampo, sargaço, calmaria. Oceanus. No entanto, uma lagoa, muda e fechada, compreende as nossas pequeninas desventuras, o efêmero que nos fere. Nenhum poeta seria tonto a tal ponto de escrever ao lago uma epopéia, uma saga. Nele podemos esquecer apenas os nossos naufrágios.

Do lugar em que estava, o Cristo se erguia de perfil. As montanhas formam um alcantilado que os aviões de São Paulo cruzam com uma elegância moderna. Amo essas montanhas uma a uma, com exceção apenas do Morro do Cantagalo, cujo volume é desagradável e pesado.

O domingo se aquietara, quando passou zunindo um automóvel vermelho. O ar continha cubos translúcidos e dentro deles revoavam urubus. São as aves mais feias do céu mas têm um belo vôo alçado e tranqüilo.

Um pequeno barco a vela seguia o caminho invisível do vento. Depois, surgiram outros barcos, todos brancos e silenciosos. Acrescento que nada mais bonito existe do que um barco a vela. E havia também as casas dos pobres do outro lado, construções admiráveis, no ar. O milagre da pobreza é sempre o mais novo e o mais cálido de todos os milagres. Todas as palavras já foram ditas sobre a miséria mas a alma dos ricos é cheia de doenças.

O sol foi acabando. Levantei-me do banco e fui embora. Pensando: há domingos que cheiram a claustros brunidos pelo esforço dos noviços. Aquela, antretanto, tinha um perfume de outono.

Em Quadrante I e O amor acaba

Poeta (Cher) (sem o)

Lua-de-mel

No hotel da pequena cidade, enquanto eles se amavam, a tarde se estampou de vez sobre ruas e colinas; era uma tarde útil, quase antológica; na casa de saúde da encosta um enfermo se lembrou das vibrações antigas de um domingo de cristal; uma andorinha pousou no fio; dó; mais uma andorinha: ré; uma terceira andorinha: mi; sol-lá-si ficaram dançando na piscina do oxigênio do coro da igreja, onde o frade franciscano ensaiava um novíssimo *Tantum Ergo*; as vacas ficaram imóveis, construídas de argila; entre as franças da figueira, o menino via a vila distante, e o fruto da figueira de repente ficou doce; o chefe da estação olhou a sineta sobre a plataforma bem varrida e, neste exato momento, ouviu uma pancada clara, indiscutível (mas sempre se pode pensar que foi o vento); na cadeia sem sol, o criminoso de morte acabava de esculpir a canivete um doloroso Cristo de pinho; o contabilista da fábrica enramava longas operações, sonegando imposto de renda; a lavadeira grávida depositou a trouxa sobre a pedra lisa e umedeceu a boca na fonte; sobre o pontilhão passava o trem, levando passageiros e porcos; dentro do trem tinha um bispo, dentro do bispo voavam borboletas, dentro das borboletas tinha uma corda (que move o mundo); o prefeito municipal redigia a capricho um efusivo telegrama de congratulações ao excelentíssimo senhor governador do Estado; o filho do promotor fez um gol com uma laranja seca; o farmacêutico concedeu sem resignação que seria muito difícil conhecer a Bavária, de onde emigrara seu avô; mas a farmácia ganhava depressa um frescor quase insuportável; a preta Mariana comprou sapatos brancos na loja; Hans Oliveira Bagenhoff, na classe, começou a ler sincopado: "Ora, entre Enganim e Cesaréia, num casebre desgarrado na prega dum cerro, vivia a esse tempo uma viúva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel"; um Ford de bigodes esperava, bufando, o burro passar, o burro esperava passar, lentamente, um pensamento cheio de capim; o padre secular, vigário de cima, abriu os braços com espanto e acreditou em Deus; o

riozinho repetia de cor a lição de Heráclito; um pássaro preto, sobre o mourão da cerca, não conseguia assustar o verde pasto; a pedra do bodoque de Bicudo esborrachou o tiziu; uma aurora bailava nos cabelos da menina-moça mais sensível da cidade (e ninguém sabia); a mulher do carpinteiro sorriu para o marido da mulher do sapateiro; os legumes cresciam bonitos em todas as hortas, sem exceção, pois só os de origem teutônica plantavam no município; o médico lavou as mãos na bacia esmaltada; o velho neurastênico da cidade, antigo professor no Rio, chorou à janela, quando viu o carroceiro passar cantando; o sargento se reconheceu no cão sarnento e lhe deu um violento pontapé; a praça era clara como um pensamento claro e lenta como a lentidão; ninguém se dava conta: do pólen, das raízes, das germinações para o bem e o pior; havia cortinados limpos, ladrilhos lavados, pão fresco no forno e tédio (todas as paróquias, dizia o francês, são devoradas pelo tédio); um urubu pousou no cimo do telhado do hotel onde ela e ele se amavam (inútil: o amor é eterno); eles se amavam, isto é, eles se reduziam e ampliavam, exercitavam-se, aprendiam-se, compunham-se, desvirtuavam-se, desabriam-se, sobreexcediam-se, transpunham-se, inventavam-se, pressupunham-se, imparcializavam-se, acolhiam-se, desviviam-se, pastavam-se, intercediam-se, subtendiam-se, verdeciam-se, desentristeciam-se, revertiam-se, entreconheciam-se, corrigiam-se, afluíam-se; definiam-se, consentiam-se, compungiam-se, ingeriam-se, traduziam-se, reagradeciam-se, surpreendiam-se, engrandeciam-se, resolviam-se, socorriam-se, riam-se, mordiam-se, dissolviam-se, imortalizavam-se, encapelavam-se, responsabilizavam-se, inflacionavam-se, transfiguravam-se, recuperavam-se, participavam-se, esperançavam-se, frutificavam-se, escravizavam-se, libertavam-se, animalangelizavam-se — pois o amor, visivelmente, é cego.

Em Homenzinho na ventania e O amor acaba

Paulo Mendes Campos



O amor acaba

O amor acaba. Numa esquina, por exemplo, num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio; acaba em cafés engordurados, diferentes dos parques de ouro onde começou a pulsar; de repente, ao meio do cigarro que ele atira de raiva contra um automóvel ou que ela esmaga no cinzeiro repleto, polvilhando de cinzas o escarlate das unhas; na acidez da aurora tropical, depois duma noite votada à alegria póstuma, que não veio; e acaba o amor no desenlace das mãos no cinema, como tentáculos saciados, e elas se movimentam no escuro como dois polvos de solidão; como se as mãos soubessem antes que o amor tinha acabado; na insônia dos braços luminosos do relógio; e acaba o amor nas sorveterias diante do colorido iceberg, entre frisos de alumínio e espelhos monótonos; e no olhar do cavaleiro errante que passou pela pensão; às vezes acaba o amor nos braços torturados de Jesus, filho crucificado de todas as mulheres; mecanicamente, no elevador, como se lhe faltasse energia; no andar diferente da irmã dentro de casa o amor pode acabar; na epifania da pretensão ridícula dos bigodes; nas ligas, nas cintas, nos brincos e nas silabadas femininas; quando a alma se habitua às províncias empoeiradas da Ásia, onde o amor pode ser outra coisa, o amor pode acabar; na compulsão da simplicidade simplesmente; no sábado, depois de três goles mornos de gim à beira da piscina; no filho tantas vezes semeado, às vezes vingado por alguns dias, mas que não floresceu, abrindo parágrafos de ódio inexplicável entre o pólen e o gineceu de duas flores; em apartamentos refrigerados, atapetados, aturdidos de delicadezas, onde há mais encanto que desejo; e o amor acaba na poeira que vertem os crepúsculos, caindo imperceptível no beijo de ir e vir; em salas esmaltadas com sangue, suor e desespero; nos roteiros do tédio para o tédio, na barca, no trem, no ônibus, ida e volta de nada para nada; em cavernas de sala e quarto conjugados o amor se eriça e acaba; no inferno o amor não

começa; na usura o amor se dissolve; em Brasília o amor pode virar pó; no Rio, frivolidade; em Belo Horizonte, remorso; em São Paulo, dinheiro; uma carta que chegou depois, o amor acaba; uma carta que chegou antes; na descontrolada fantasia da libido; às vezes acaba na mesma música que começou, com o mesmo drinque, diante dos mesmos cisnes; e muitas vezes acaba em ouro e diamante, dispersado entre astros; e acaba nas encruzilhadas de Paris, Londres, Nova Iorque; no coração que se dilata e quebra, e o médico sentencia imprestável para o amor; e acaba no longo périplo, tocando em todos os portos, até se desfazer em mares gelados; e acaba depois que se viu a bruma que veste o mundo; na janela que se abre, na janela que se fecha; às vezes não acaba e é simplesmente esquecido como um espelho de bolsa, que continua reverberando sem razão até que alguém, humilde, o carregue consigo; às vezes o amor acaba como se fora melhor nunca ter existido; mas pode acabar com doçura e esperança; uma palavra, muda ou articulada, e acaba o amor; na vaidade; o álcool; de manhã, de tarde, de noite; na floração excessiva da primavera; no abuso do verão; na dissonância do outono; no conforto do inverno; em todos os lugares o amor acaba; a qualquer hora o amor acaba; por qualquer motivo o amor acaba; para recomeçar em todos os lugares e a qualquer minuto o amor acaba.

Em O colonista do morro e O amor acaba





Epitáfio

Se a treva fui, por pouco fui feliz.
Se acorrentou-me o corpo, eu o quis.
Se Deus foi a doença, fui saúde.
Se Deus foi o meu bem, fiz o que pude.
Se a luz era visível, me enganei.
Se eu era o só, o só então amei.
Se Deus era a mudez, ouvi alguém.
Se o tempo era o meu fim, fui muito além.
Se Deus era de pedra, em vão sofri.
Se o bem foi nada, o mal foi um momento.
Se fui sem ir nem ser, fiquei aqui.

Para que me reflitas e me fites
estas turvas pupilas de cimento:
se devo a vida à morte, estamos quites.

Em Poemas e Melhores poemas



Paulo Mendes Campos



Sobre o autor e sua obra

“De todos nós, e éramos legião, PMC denunciava a vocação mais séria e mais alta, como poeta e como prosador.”

Otto Lara Resende

“Era literariamente ambidestro. Poesia e crônica de Paulo Mendes Campos brotavam da mesma fonte pessoal e corriam em leitos separados mas paralelos. Encontravam-se nele, não no infinito.”

Wilson Figueiredo

“Urge explorar, na obra de Paulo Mendes Campos, os veios da mina aparentemente abandonada: a lírica, a crônica, o ensaio e a tradução. Poesia e prosa do melhor quilate. Haverá traços de excelência em cada galeria. Fica o desafio de surpreender os quatro aspectos intercomunicantes. Uma riqueza de que poucos faiscadores da literatura se deram conta.”

Fábio Lucas

“Paulo tem talento até dizer chega, e humaniza-o com sensibilidade.”

Carlos Drummond de Andrade

“Paulo (...) descrevia as agruras da condição humana com a mesma transcendência com que narrava uma pelada na areia.”

Jornal do Brasil

“Como poeta, e como personagem e protagonista de sua própria obra, vivendo o que escrevia e escrevendo sobre sua vida, Paulo Mendes Campos quis que os domingos invadissem o restante da semana, impregnando-a com seus temas e obsessões: a morte, o amor, a memória, a experiência do poético, a leitura da poesia.”

Claudio Willer

“Homem em quem o gosto das leituras requintadas e as orgias silenciosas do pensamento não estragam o prazer e a emoção dos encontros com o povo e com a vida de todo dia, Paulo Mendes Campos faz, na leveza de suas crônicas, páginas que vencem o efêmero pela sua qualidade literária e pela sua autêntica vibração humana.”

Da apresentação de O colunista do morro

“PMC despendeu grande energia para que o leitor saísse dignificado das páginas de sua autoria. Espanta que tenha sido tão generoso com quem o leu, que não o tenha desacreditado e humilhado, que tenha, no sentido contrário, optado por formá-lo (...), e que tenha dado uma razão histórica fundamentada para todas as tolices cotidianas.”

Gazeta Mercantil

“(...) o ‘tudo’ de sua crônica não se expressa somente nos temas. Manifesta-se também no habilidoso trato lingüístico que empresta ao gênero, tornando-o indistintamente prosa poética, poesia em estado puro, e conto. Em alguns momentos, seu texto chega a tangenciar até mesmo o ensaísmo. (...) Em outras palavras, ele se vale da crônica com um domínio tão incrível que pode fazer dela o que bem quiser. E invariavelmente o faz com uma centelha de paixão poética longe de se ver nas chamadas crônicas que lemos hoje.”

Revista Veredas

“... poesia toda ela (ou quase toda) feita de uma saudade pungentemente melancólica, ligada às mais legítimas e puras vertentes da lírica luso-brasileira, os versos de Paulo Mendes Campos revestem-se de um ingênuo encantamento e lhe dão a medida exata de sua alma e de seu modo de ser.”

Geraldo Pinto Rodrigues

“Sua visão poética do mundo é de esperança sobre a solidão e o medo sobre o desencontro. Aí o outro lado do cronista: não há uma aurora banal e colorida compondo seu território. Há um silêncio que consome o homem, dentro do qual um cão vocifera em agonia.”

Walmir Ayala

“PMC foi um peculiar observador do Brasil e do caráter brasileiro. Viu Belo Horizonte perder a inocência, a voragem urbana embrutecer o Rio de Janeiro, a modernidade verde-amarela consumir sua fantasia (delírio?) em Brasília.”

Flávio Pinheiro

“... Paulo não é apenas um autor de Ipanema ou do Rio: seus livros são uma saga penetrante e bem-humorada do homem urbano, num período anos 50, 60 de profunda mudança na vida brasileira.”

Ruy Castro

“Sempre admirei nele a excepcional agudeza de percepção para tudo quanto há de mais sutil no humor ou na poesia.”

Fernando Sabino

“A nostalgia da infância, em Paulo, é menos uma celebração do passado do que uma ‘vingança’ do coração ferido.”

Guilhermino Cesar

“PMC foi fiel ao seu destino. Nunca abriu mão da sua sensibilidade estética, nem do seu rigor intelectual. Dissimulado em timidez, o seu amor-próprio, vigoroso, não fechou a porta da afeição. O que na juventude a olhos estranhos parecia orgulho, na maturidade veio ser sabedoria. A compassiva serenidade, com uma ponta de desdém que não cultivava ilusões, nem corre atrás da sanção alheia. Em prosa ou em verso, só foi poeta.”

Otto Lara Resende



Cronologia

CS 1962

Homenzinho na ventania, crônicas

Participa, com Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira e Rubem Braga, da antologia de crônicas *Quadrante*, que no ano seguinte terá um segundo volume. A série, posteriormente, passará a chamar-se *Elenco de cronistas modernos*

25 de agosto: submete-se a uma experiência com ácido lisérgico, sobre a qual escreverá um longo depoimento

CS 1965

O colunista do morro, crônicas

Antologia Brasileira de Humorismo, versão ampliada de *Páginas de Humor e Humorismo*

Suas crônicas *Receita de domingo*, *O pombo enigmático* e *Aventura carioca* são adaptadas para o filme *Crônica da cidade amada*, de Carlos Hugo Christensen

CS 1966

Testamento do Brasil e Domingo Azul do Mar (poemas, edição conjunta)

CS 1967

Hora do recreio, crônicas

CS 1969

O anjo bêbado, crônicas

CS 1976

Rir é o único jeito (Supermercado), reedição de *Hora do recreio* em formato de bolso

CS 1977

Transumanas, poesia e prosa

CS 1978

Participa, com Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Rubem Braga, da série de antologias de crônicas *Para gostar de ler*, da Editora Ática, que com este quarteto terá cinco volumes

CS 1979

Poemas, reedição de *Domingo azul do mar* e *Testamento do Brasil* acrescentada dos livros *Balada de amor perfeito* e *Arquitetura*

CS 1980

Grava um depoimento e seis poemas para o LP duplo *Os 4 mineiros*, de que participam também Fernando Sabino, Otto Lara Resende e Hélio Pellegrino

CS 1981

Diário da Tarde, crônicas

30 de abril: aposenta-se do serviço público como Técnico em Comunicação Social da Empresa Brasileira de Notícias (EBN)

CS 1984

Trinca de copas, poesia e prosa - seu último livro publicado em vida

CS 1990

Os melhores poemas de Paulo Mendes Campos, Guilhermino Cesar (org.)

CS 1991

1ª de julho: morre de infarto do miocárdio em seu apartamento, no Rio, aos 69 anos de idade, sendo enterrado no cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte

CS 1999

A Prefeitura do Rio de Janeiro dá o nome de Paulo Mendes Campos à pequena praça formada pelo cruzamento das ruas Dias Ferreira, Humberto de Campos e General Venâncio Flores, no Leblon.

O amor acaba - Crônicas líricas e existenciais abre o relançamento da obra em prosa de Paulo Mendes Campos, organizada em novos títulos por Flávio Pinheiro

CS 2000

Artigo indefinido - Crônicas literárias
Brasil brasileiro - Crônicas do país, das cidades e do povo
De um caderno cinzento - Apanhadas no chão
Murais de Vinícius e outros perfis
O gol é necessário - Crônicas esportivas

CS 2001

Cisne de feltro - Crônicas autobiográficas
Alhos & bugalhos - Crônicas esportivas

CS 2003

Balé do pato e outras crônicas

CS 2004

A volta ao mundo em 80 dias - Tradução e adaptação do clássico de Júlio Verne

CS 2005

Quatro histórias de ladrão, crônicas

11 de outubro: o governador Aécio Neves inaugura, na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, um conjunto de estátuas de bronze de Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Otto Lara Resende e Hélio Pellegrino, de autoria do escultor Léo Santana



A Superintendência de Bibliotecas Públicas, unidade da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, inclui no seu elenco de exposições itinerantes mais uma manifestação de incomum e exemplar literatura: O Poeta em Prosa e Verso.

Passear pelos versos, pela prosa, pela prosa poética é exercício que Paulo Mendes Campos nos doa em território privilegiado de sua inspiração. O contato com os temas aqui propostos valida a importância da exposição na medida em que ressalta a beleza do verso, da frase, e induz o leitor a dar prosseguimento ao conteúdo, buscando, descobrindo e decodificando significados e imagens que preenchem a sensibilidade.

Não se perdem palavras tanto no verso, quanto na prosa. Cada termo tem o seu lugar próprio e a sua grandeza preservada. O exercício da escrita em Paulo Mendes Campos nos leva a perceber o trabalho de investigação literária que torna a sua obra sensatamente requintada. Os quadros expostos vejo-os como convites a incursões ao universo de erudição em prosa e verso que revelam um escritor primoroso, reconhecido por seus pares os cavaleiros do apocalipse e pertencentes a uma geração mineira que inundou de incontestável qualidade a literatura brasileira.

A brasilidade da pintura de Djanira encontra em Paulo Mendes Campos uma fonte de inspiração que possibilitou a produção de imagens físicas, tiradas da vivência do poeta que foi capaz de amenizar as contradições e os desencantos e que soube converter e acomodar a vida com delicada e natural sabedoria.

A Secretaria de Estado de Cultura, ao trazer reverentemente Paulo Mendes Campos para o roteiro das exposições, vem reafirmar seu propósito de aproximar os diletos escritores do público, para que compartilhe da beleza e da sonoridade da palavra em construções inesquecíveis.

Eleonora Santa Rosa
Secretária de Estado de Cultura



Amigos: Chico Buarque de Hollanda, Rubem Braga, Fernando Sabino, Vinícius de Moraes, Sérgio Porto, José Carlos Oliveira e Paulo Mendes Campos, na cobertura de Braga, no Rio, em 1967.

A Superintendência de Bibliotecas desenvolve, há seis anos, uma série de exposições bibliográficas homenageando escritores ou destacando textos e temas de interesse dos seus leitores. Essas exposições começam pela Biblioteca Luiz de Bessa, matriz e referência do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais, rede que hoje comemora a existência de bibliotecas em todas as cidades mineiras. Depois circulam por Minas numa festa literária promovida pelas bibliotecas que recebem livros dos autores homenageados e os colocam à disposição dos leitores. Assim, através dessa série, Henriqueta Lisboa, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Pedro Nava, Murilo Rubião, Mário Quintana, Cyro dos Anjos, Bartolomeu Campos Queiroz, entre outros, se tornaram mais conhecidos. Capital e interior comemoraram os 50 anos do livro Grande Sertão: veredas, os 200 anos de Hans Christian Andersen, os 400 anos de Dom. Quixote de la Mancha.

Hoje, mais uma jornada em torno da literatura tem início. A Superintendência de Bibliotecas se sente honrada em destacar esse mineiro “poeta da prosa e do verso”, Paulo Mendes Campos.

Seu centenário só acontecerá em 2022, mas não é preciso uma data especial para lembrar o escritor de múltiplas facetas que nos oferece crônicas-ensaios, crônicas líricas, crônicas esportivas, crônicas brasileiras e nos brinda, presente especial, com sua poesia. Soma-se a isso o excelente tradutor e o saboroso frasista, o que nos faz concordar com o espanto de Flavio Pinheiro, organizador de reedição da sua obra, através da Editora Civilização Brasileira: “É difícil explicar porque uma literatura de qualidades raras foi tão clamorosamente esquecida”.

A seleção primorosa feita pelos curadores dessa mostra, Humberto Werneck e Jaime Prado Gouvêa, nos confirma que o menos notório, o menos festejado dos “Cavaleiros de um íntimo Apocalipse” foi se não o mais dotado, o mais preparado dos quatro para a literatura”.

Ao passar todos os dias pela Praça da Liberdade, em frente ao Anexo da Biblioteca Pública onde conversam os amigos Hélio, Otto, Fernando e Paulo, foi crescendo a vontade de contribuir para que Belo Horizonte e as pequenas cidades do interior tivessem novas oportunidades de ler ou reler Paulo Mendes Campos.

Só assim, a biblioteca pública adquire sentido: colocando a disposição dos seus leitores, de qualquer leitor, o patrimônio literário que se produziu no país e do qual Paulo Mendes Campos é uma das mais significativas expressões.

*Maria Augusta da Nóbrega Cesarino
Superintendente de Bibliotecas
Secretaria de Estado de Cultura*



Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira, Mário Quintana e Paulo Mendes Campos



O poeta em prosa & verso

Paulo Mendes Campos

Governador do Estado de Minas Gerais: Aécio Neves
Secretária de Estado de Cultura: Eleonora Santa Rosa
Secretário-adjunto de Estado de Cultura: Marcelo Braga de Freitas
Superintendente de Bibliotecas Públicas: Maria Augusta da Nóbrega Cesarino
Presidente da SABE: Maria Helena Sá Barreto
Coordenação Geral: Fabíola Farias
Curadoria: Humberto Werneck e Jaime Prado Gouvêa
Programação Visual: Luciana Lima



Agradecimentos:
Aluizio Mendes Campos
Martha Borges Mendes Campos
Vânia Campos de Figueiredo Silva
André Figueiredo Silva
Aníbal Penna
Leo Korth
Lúcia Riff
Dayse Pimenta

Realização:

Apoio:

